

PERSPECTIVAS DA PESQUISA EM CONTABILIDADE NO BRASIL: UM ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS ABORDAGENS IDEOGRÁFICAS E NOMOTÉTICAS

João Carlos Hipólito Bernardes do Nascimento, Universidade Federal do Piauí, joahipolito@ufpi.edu.br

Juliana Reis Bernardes, Universidade Estácio de Sá, jureis3d@gmail.com

Wellington Dantas de Souza, Instituto Federal Baiano, wellington.sousa@ifbaiano.edu.br

Josaias Santana dos Santos, FACAPE - Faculdade de Ciências aplicadas e Sociais de Petrolina, josaias.santana@facape.br

Mauricio Mendes Boavista de Castro, Universidade Federal do Piauí, mauricioboavista@ufpi.edu.br

Resumo

A partir de meados da década de 70, a academia brasileira vivenciou o surgimento e posterior predominância da abordagem Nomotética frente à Ideográfica. Caracterizada pelo termo Positivismo, esse tipo de pesquisa virou o mainstream da pesquisa em Contabilidade tendo por foco na explicação do porque da Contabilidade ser o que é, porque é que os contabilistas fazem o que fazem, e quais os efeitos que estes fenômenos têm nas pessoas e na utilização dos recursos, em detrimento do questionamento e reflexão mais aprofundado do fenômeno e, sobretudo, a consideração da complexidade humana. Nas Ciências Sociais, houve uma divisão acerca das abordagens utilizadas à condução de pesquisas conforme a proposta de Windelband, isto é, Idiográficas ou Nomotéticas. A abordagem Nomotética, busca a aquisição do conhecimento de forma muito próxima do modelo das Ciências Naturais, isto é, amostragem cuidadosa, medidas precisas, bom design e análise de hipóteses apoiadas em teorias, pautada nas técnicas quantitativas para o estabelecimento de conexões causais e utilizando como instrumento para coleta de dados, entre outros exemplos, bases de dados e questionários padronizados. Nesse aspecto, o presente ensaio teórico buscou refletir as motivações e, sobretudo, as implicações da supremacia das metodologias com abordagens predominantemente Nomotéticas frente às Ideográficas na academia brasileira. Considerando que essa hegemonia empobrece o desenvolvimento teórico e, no longo prazo, obstrui o desenvolvimento científico em profundidade, notou-se a necessidade da academia contábil introduzir formas alternativas, nomeadamente, mais críticas e radicais, que reinterpretem a informação disponível em detrimento dessa tendência estagnante e, quase sempre, de superfície que proliferam-se pela acumulação, generalização e sistematização da informação à custa da teorização aprofundada.

Palavras-chave: Pesquisa em Contabilidade; Abordagem Ideográfica; Abordagem Nomotética; Positivismo Contábil.

Abstract

From the mid-1970s, the Brazilian academy experienced the emergence and subsequent predominance of the Nomothetic approach versus Ideographic. Characterized by the term Positivism, this type of research has become the mainstream of research in Accounting with a focus on explaining why accounting is what it is, why accountants do what they do, and what effects these phenomena have on people and the use of resources, to the detriment of the questioning and further reflection of the phenomenon and, above all, the consideration of human complexity. In the Social Sciences, there was a division about the approaches used to conduct research according to the Windelband proposal, that is, Idiographic or Nomothetic. The nomothetic approach seeks to acquire knowledge in a way that is very close to the Natural Sciences model, that is, careful sampling, precise measurements, good design and analysis of hypotheses based on theories, based on quantitative techniques for the establishment of causal

connections and using as an instrument for data collection, among other examples, databases and standardized questionnaires. In this aspect, the present theoretical essay sought to reflect the motivations and, above all, the implications of the supremacy of the methodologies with predominantly Nomothetic approaches to the Ideographic ones in the Brazilian academy. Considering that this hegemony impoverishes the theoretical development and, in the long run, obstructs the scientific development in depth, it was noticed the need of the accounting academy to introduce alternative forms, namely, more critical and radical, that reinterpret the available information to the detriment of this stagnating tendency and, almost always, surface areas that are proliferated by the accumulation, generalization and systematization of information at the expense of in-depth theorization.

Keywords: Accounting Research; Ideographic Approach; Nomothetic Approach; Accounting Positivism.

1 Introdução

Segundo Ferrari (1974, p. 8), Ciência é “todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”. O modelo de racionalidade enraizado na ciência moderna surgiu a partir da revolução científica do século XVI e foi se desenvolvendo até recentemente, pautado basicamente nas Ciências Naturais, sendo que, apenas no século XIX se estendeu às Ciências Sociais (Santos, 1998).

A Ciência Social é caracterizada pelo enfoque subjetivo na busca da compreensão dos fenômenos sociais a partir da interpretação do sentido que os agentes conferem às suas ações, com enfoque em métodos qualitativos, descritivo e compreensivo (Riachi-Belkaoui, 1996). Nas Ciências Sociais evita-se teorias definitivas dado que “a realidade é mutável, flexível e indeterminada, permeada por uma crescente complexidade por detrás de fenômenos que parecem simples” (Matos, Machado, & Barbosa, 2013, p. 1). Nesse aspecto, nenhuma teoria é definitiva, pois a realidade compreende uma infinidade de “essências” em constante transformação (Matos, Machado, & Barbosa, 2013).

Esta característica fundamentada essencialmente na tradição filosófica da Fenomenologia em detrimento uma abordagem mais focada no conhecimento objetivo, explicativo e, sobretudo, Nomotético, acarretou em um enquadramento da Ciência Social como *soft science* (Denzin & Lincoln, 2006).

Somente após o advento do Positivismo de Auguste Comte e a conseqüente adoção da abordagem Monotética, na segunda metade do século XIX, as Ciências Sociais alcançaram o *status* de ciência (Matos, Machado, & Barbosa, 2013), entretanto, a partir de então, a proporção desse tipo de estudo oscilou bastante dentro de cada Ciência Social, sendo que, nas Ciências Contábeis, a corrente principal das pesquisas, independentemente da área (gerencial, financeira, tributária, pública ou finanças), em maior ou menor grau, assumiu característica essencialmente Nomotética (Riachi-Belkaoui, 1996; Smith, 2003).

As Ciências Contábeis podem ser enquadradas como Ciências Sociais Aplicadas no momento em que trata de aspectos relacionados à sociedade, dado que, claramente, é um “sistema de pensamento” concebido pelo homem para auxiliar a tomada de decisão humana e influenciar seu comportamento (Gaffikin, 2006).

Nesse aspecto, partindo da premissa de que a pesquisa em Ciência Contábil deveria refletir uma maior utilização da abordagem Nomotética, buscou-se analisar as motivações e, sobretudo, as implicações da predominância das metodologias com abordagens predominantemente Nomotéticas frente às Ideográficas. Para tal, optou-

se pela realização do presente ensaio teórico. Dada à natureza social da Contabilidade que se traduz na “compreensão da maneira com que os indivíduos ligados à área contábil criam, modificam e interpretam os fenômenos contábeis, sobre os quais informam seus usuários; representa a realidade que deve observada por este ramo do conhecimento humano” (Schmidt, 1998, p. 15) e considerando que o desenvolvimento pleno de uma nação contemporânea compreende o desenvolvimento de sua ciência (Bunge, 2008), o presente estudo mostra-se relevante ao contribuir para a reflexão acerca do papel da pesquisa contábil, sua perspectiva, limitações e motivações, destacando a importância da abordagem Ideográfica à academia contábil.

É importante ressaltar que não buscou-se defender a extinção das pesquisas com abordagens Nomotética; fomentar a utilização única de pesquisas Ideográficas; ou mesmo persuadir o nobre leitor acerca das qualidades da abordagem Ideográfica à condução de pesquisas nas Ciências Contábeis, mas sim, evidenciar a necessidade de, invariavelmente, o pesquisador contábil realizar uma reflexão criteriosa acerca da aderência da abordagem que está sendo trabalhada frente ao problema investigado. O presente ensaio mostra-se relevante para os vários atores da academia contábil brasileira (pesquisadores, editores de periódicos, docentes e discentes) no momento em que realiza uma reflexão acerca das perspectivas da pesquisa em Contabilidade, destacando as motivações e implicações da supremacia da abordagem Nomotética frente à Ideográfica.

Além dessa Introdução, o presente ensaio encontra-se segmentado em quatro tópicos. Inicialmente será realizada uma breve explanação sobre o ciclo hermenêutico de Wilhelm Dilthey e apresentada, de forma preliminar, a caracterização das abordagens Nonotética da Idiográfica realizada por Wilhelm Windelband. No segundo tópico, ambas as abordagens são exploradas de forma a evidenciar as particularidades que as diferenciam. A seguir, é realizada uma análise da predominância da abordagem Ideográfica e seu impacto à práxis da pesquisa contábil, destacando alguns dos potenciais motivadores e reflexos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, evidenciando-se as limitações e indicações de oportunidades para a condução de futuras pesquisas.

O ciclo hermenêutico de Wilhelm Dilthey

Em decorrência da dificuldade implícita de empregar uma abordagem objetiva e, principalmente, de controlar todas as variáveis do ambiente social, historicamente houve um embate acerca do enquadramento das Ciências Sociais como Ciência. Entre o final do século XIX e início do século XX, Wilhelm Dilthey ofereceu um relevante contribuição nesse debate ao propor que as Ciências Sociais, em decorrência das suas particularidades, demandariam uma autonomia metodológica (Scocuglia, 2002).

Numa época em que as Ciências Naturais se desenvolviam em passo acelerado, Dilthey contribuiu positivamente para a cientificidade das Ciências Sociais ao, por meio de uma análise da causalidade na história, criticar a visão positivista e empirista afirmando ser impossível nas “ciências do espírito” (*Geissenswissenschaften*), ou Ciências Sociais, considerar a existência de “leis gerais”.

A tese central de Dilthey era pautada na distinção estabelecida anteriormente por Gustav Droysen entre explicar (*Erklären*) e compreender (*Verstehen*). Enquanto o

método das Ciências Naturais fundamenta-se na explicação por meio do esclarecimento das conexões causais, nas Ciências Sociais têm-se uma fundamentação pautada na compreensão (Dilthey, 1989). O objetivo de Dilthey era então fornecer às Ciências Sociais uma metodologia e uma epistemologia adequadas às suas peculiaridades, entretanto, sem perder o rigor metodológico peculiares das Ciências Naturais (*Naturwissenschaft*) (Sá, 2009).

À compreensão dos fenômenos analisados, a hermenêutica, que relaciona-se com problemas de compreensão e/ou interpretação do significado de, dentre entre outros exemplos, texto, sinais, símbolos, práticas sociais e ações históricas, apresenta um papel imprescindível. Nessa perspectiva, a partir das ideias do teólogo Friedrich Schleiermacher, Dilthey desenvolveu uma teoria da interpretação, ampliando o escopo da compreensão hermenêutica até então restrita ao campo teológico, para a compreensão objetiva de qualquer tipo de texto e/ou expressão humana, originando, assim, o método hermenêutico (Dilthey, 1989).

A hermenêutica de Dilthey, diferentemente da teológica, centra-se na busca de um método compreensivo e metodologicamente seguro, inerente às Ciências Sociais, pautado na compreensão (“*Verstehen*”), sem paralelos nas Ciências Naturais (Scocuglia, 2002).

Um elemento da visão de Schleiermacher determinante às ideias de Dilthey foi o entendimento de que a ciência hermenêutica deve buscar evitar o mal-entendido na interpretação considerando não apenas a literalidade das palavras, mas também, a individualidade do autor. Em outras palavras, além da interpretação gramatical, deve-se considerar, também, a interpretação psicológica.

A partir desses *insights*, Dilthey criou o “círculo hermenêutico” que afirmava que um texto (ou realidade histórica) só pode ser compreendido a partir da compreensão do todo, e vice-versa. Nesse aspecto, a experiência fundamenta as expressões e as expressões suportam a experiência (Gaffikin, 2006).

Para Dilthey, o ser humano, inteligível em decorrência de sua individualidade e singularidade, e, conseqüentemente, a sociedade, não possibilitam a formulação de leis gerais. O fato das experiências e atividades humanas serem influenciadas por escolhas, preferências, valores e julgamentos acarreta em maior complexidade das Ciências Naturais quando comparado aos fenômenos sob o escopo das Ciências Naturais (Sá, 2009).

Nesse ponto, a investigação nas Ciências Sociais seria dependente da habilidade dos pesquisadores em entender o padrão “estrutural” da experiência e, a partir daí, compreender o comportamento humano (Dilthey, 1989). Para Dilthey, a Teoria hermenêutica poderia ser considerada a base para as *Geisteswissenschaften* ou Ciências Sociais, um modo de acesso privilegiado ao significado em geral (Gaffikin, 2006).

Outra figura importante nesse debate foi Wilhelm Windelband, primeiro a efetuar a distinção entre Ciência Monotética e Idiográfica. Segundo Wu (2010), enquanto Dilthey se esforçava para fornecer uma metodologia e uma epistemologia adequadas às peculiaridades às Ciências Sociais, Windelband buscou uma definição de ciência que reconhecesse a importância dos valores. Para Windelband, as ciências que têm por finalidade a busca do conhecimento universal, relacionadas com o imutável, apreensível pela abstração, constituindo-se, portanto, como ciências de leis (*Gesetzeswissenschaften*), são descritas como Ciências Nomotéticas. Já as ciências que têm por objetivo a busca do conhecimento particular de entes individuais, de

estruturas e não mais de leis, são denominadas ciências de eventos (*Ereigniswissenschaften*), ou Ideográficas, cuja relação fundamental sai da abstração à percepção (Wu, 2010).

As abordagens Nomotética e Ideográfica, o Positivismo de Comte e sua inserção na pesquisa contábil

Nas Ciências Sociais, houve uma divisão acerca das abordagens utilizadas à condução de pesquisas conforme a proposta de Windelband, isto é, Idiográficas ou Nomotéticas (Nagel, 1976). A abordagem Nomotética, busca a aquisição do conhecimento de forma muito próxima do modelo das Ciências Naturais, isto é, amostragem cuidadosa, medidas precisas, bom *design* e análise de hipóteses apoiadas em teorias, pautada nas técnicas quantitativas para o estabelecimento de conexões causais e utilizando como instrumento para coleta de dados, entre outros exemplos, bases de dados e questionários padronizados. Já a abordagem Ideográfica baseia-se no pressuposto de que a compreensão do mundo social ocorre através da investigação em primeira mão, ou seja, é necessário estabelecer uma relação próxima e pessoal com o sujeito, com forte ênfase na vivência e na análise subjetiva, dada à necessidade de conhecer profundamente o fenômeno de estudo (Riachi-Belkaoui, 1996).

Nesse aspecto, é necessário envolver-se no fluxo da vida cotidiana para a realização da análise detalhada dos *insights* obtidos em tais encontros com o sujeito ou fenômeno em análise. A abordagem Ideográfica está interessada no conhecimento do particular, como condição necessária à *práxis*, ou seja, a forma de agir adequadamente em uma variedade de situações particulares (Burrell; Morgan, 1979). O exercício de observação dos objetos externos dota o pesquisador pautado na abordagem Ideográfica de uma atitude espiritual completamente distinta da empregada na abordagem Nomotética. Na abordagem Ideográfica, o emprego das matemáticas deve ter uma função subordinada na compreensão profunda da sociedade, sendo seu principal objetivo descrever e realizar análises comparativas, que na perspectiva Nomotética, dá lugar à indução, ao experimento e a matematização (Sá, 2009).

A abordagem Nomotética, quando confrontada com a Ideográfica, apresenta uma diferença especial associada aos diferentes tipos de conhecimento. Enquanto o método Ideográfico está interessado no conhecimento do particular como condição para a *práxis*, no método Nomotético têm-se um interesse no desenvolvimento da teoria do conhecimento universal.

Nesse aspecto, a abordagem subjetiva das Ciências Sociais apresenta uma suposição nominalista para ontologia, antipositivismo para epistemologia, um pressuposto de voluntarismo da natureza humana, e, finalmente, uma suposição Ideográfica para a metodologia. Já a abordagem objetiva das Ciências Naturais, no entanto, apresenta uma ontologia realista, uma epistemologia positivista, uma suposição determinista da natureza humana e uma metodologia Nomotética (Riachi-Belkaoui, 1996).

Qualquer tipo de abordagem adota uma posição em um *continuum* de acordo com a sua importância relativa das características apresentadas na Tabela 1:

Tabela 01
Comparação das abordagens Nomotética e Idiográfica

Perspectivas da pesquisa em contabilidade no Brasil: um ensaio teórico sobre as abordagens ideográficas e nomotéticas

Ênfase em abordagens Nomotéticas		Ênfase em abordagens Idiográficas
1. Dedução.	<i>vs</i>	Indução.
2. Explicação através da análise de relações causais e explicação compreendendo leis gerais (<i>etic</i> - do ponto de vista do observador externo).	<i>vs</i>	Explicação dos sistemas de significado subjetivo e explicação pela compreensão (<i>emic</i> - a partir da perspectiva do sujeito).
3. Generalização a partir de dados quantitativos.	<i>vs</i>	Interpretação a partir de dados qualitativos.
4. Uso de vários controles, físicos ou estatísticos, de modo a permitir o teste das hipóteses.	<i>vs</i>	Compromisso com a pesquisa em ajustes diários, para permitir o acesso, e minimizar a reatividade entre os sujeitos da pesquisa.
5. Metodologia de pesquisa altamente estruturada para garantir a replicabilidade de 1, 2, 3 e 4.	<i>vs</i>	Estrutura mínima para garantir 2, 3 e 4 (e, como um resultado de 1).
← Experimentos, quase experimentos, levantamentos (<i>surveys</i>), pesquisa ação, etnografia. → Continuum metodológico		

Fonte: Adaptado de Gill & Johnson (2002)

Saint-Simon foi o percussor da utilização do termo Positivismo para designar o método Ideográfico em 1830, entretanto, coube ao seu discípulo Auguste Comte o desenvolvimento da doutrina à posterior adoção na filosofia (Abbagnano, 2007). Graças a Comte, o termo passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do século XIX, ostentou importantes e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental.

Para Comte, conhecer significa mensurar e quantificar, sendo os fatos conhecíveis apenas por meio da experiência, logo, o espírito humano deve renunciar o desejo de conhecer a essência dos fenômenos, limitando-se à observação dos fatos de experiência e suas relações invariáveis, o que possibilita a indução das leis (Martins, 2014).

Comte negava a possibilidade do conhecimento Metafísico que considerava ser estagnante e desnecessário, sendo a epistemologia do objetivismo a base do Positivismo (Martins, 2012). Em termos gerais o Positivismo considera que existe uma realidade objetiva que demanda do investigador a interpretação também objetiva, isto é, o fenômeno em estudo é observado de forma neutra e objetiva, o que implica em uma separação entre o investigador e o seu objeto de estudo. Após o advento do Positivismo de Comte e a conseqüente adoção da abordagem Monotética, as Ciências Sociais alcançaram o *status* de ciência (Matos, Machado, & Barbosa, 2013), entretanto, a obtenção do caráter científico acarretou no empobrecimento do próprio objeto de estudo, dada a ênfase na quantificação e objetivismo, tão marcantes no Positivismo (Bruyne *et al.*, 1977).

Relativo aos esforços à implantação do Positivismo na pesquisa em Contabilidade, Ball e Brown (1968) exerceram o papel de pedra angular da moderna investigação em Contabilidade Financeira ao conduzirem a primeira investigação empírica, associando o lucro contábil com os retornos das ações, com o objetivo de avaliar a utilidade da informação contábil.

Outro fator relevante à inserção da abordagem positiva nas pesquisas e Contabilidade ocorreu na observação realizada por Jensen (1976) de que, dada sua

ênfase conceitual e normativa, a pesquisa em Contabilidade tinha sido, até aquele momento, salvo raras exceções, não científica (Christenson, 1983).

Assim, Jensen iniciou o processo de desenvolvimento de uma teoria positiva em Contabilidade focada na explicação do por que da Contabilidade ser o que é, por que é que os contabilistas fazem o que fazem, e quais os efeitos que estes fenômenos têm nas pessoas e na utilização dos recursos.

Esse movimento, que mais tarde ficou conhecido como “Rochester School of Accounting”, pautou-se na premissa de que, dado seu enfoque normativo, a maioria das teorias da Contabilidade não são científicas e, como tal, deveriam ser paulatinamente substituídas por teorias positivas que expliquem as práticas contábeis realmente seguidas em termos de escolha voluntária dos procedimentos contábeis por parte dos gestores, e que expliquem como as normas mudaram ao longo do tempo (Christenson, 1983).

A Teoria Positiva da Contabilidade (*Positive Accounting Theory* - PAT), sistematizada por Watts e Zimmerman (1978 e 1986), que introduziu a discussão dos incentivos que determinam as escolhas contábeis por parte dos gestores e, mais recentemente, o Modelo de Ohlson (1995) que abriu caminho para o surgimento de um novo ramo da investigação baseado numa perspectiva de mensuração, são duas outras contribuições teóricas surgidas nas últimas quatro décadas que intensificaram a pesquisa positiva em Contabilidade.

No Brasil, as pesquisas com abordagem predominantemente Positivas emergiram a partir da década de 70 sob forte influência norte-americana. Pouco interessadas no julgamento da estrutura básica definida (*e.g.*, o considerar de forma prévia algo como bom ou ruim, próprio ou impróprio, correto ou errado *etc.*), focaram na análise do que ocorria na prática, verificando se determinado procedimento contábil acarretava em alteração significativa no valor das ações das firmas, deduzindo sua relevância sem, entretanto, qualificá-la (Martins, 2005).

Segundo Martins (2005), a partir de então, o Positivismo virou sinônimo de qualidade da pesquisa científica em Contabilidade, sendo o domínio da estatística e da matemática requisitos fundamentais à comprovação ou refutação das hipóteses que assumiu papel tão importante quanto o conhecimento da Contabilidade.

Perspectivas à práxis da pesquisa contábil

Segundo Riachi-Belkaoui (1996), o papel da pesquisa em Contabilidade é estabelecer leis gerais que compreendam o comportamento de eventos empíricos ou objetos com os quais a ciência está em causa, permitindo conectar o conhecimento acerca dos eventos e possibilitando, assim, a formulação de previsões confiáveis. Nesse ponto, dada a preocupação com a precisão, rigor e credibilidade, a abordagem Nomotética é geralmente adotada à condução de pesquisas de excelência na área.

Friedman (1953), precursor da abordagem positivista na economia, afirmou que o propósito da teoria é permitir a realização de previsões verificáveis, mesmo que, para cumprir sua tarefa, a teoria faça suposições irrealistas, desde que as previsões sejam verificáveis. Esse entendimento impulsionou a Teoria Positivista na Contabilidade proposta por Watts e Zimmerman (1986).

Nessa mesma perspectiva, Bunge (2008, p.13) afirma que, nas ciências positivas, “extraem-se os traços comuns de indivíduos ostensivamente diferentes, agrupando-os em espécies (classes de equivalência). Fala-se assim do cobre e do *homo sapiens*”.

Na mesma obra, Bunge (2003, p. 33) complementa “em outros termos, a população real, composta de indivíduos diferentes, é modelada como uma classe homogênea (equivalência), e igualmente o conjunto de todos os possíveis eventos é repartido em classes homogêneas (equivalência)”.

Ora, se Ciência Social busca a compreensão dos fenômenos sociais, incluindo toda a complexidade humana, os pesquisadores contábeis deveriam evitar teorias definitivas dado que “a realidade é mutável, flexível e indeterminada, permeada por uma crescente complexidade por detrás de fenômenos que parecem simples” (Matos, Machado, & Barbosa, 2013, p. 1), entretanto, o Positivismo tem como fundamento justamente o ponto antagônico, conforme Friedman (1953).

A a corrente principal da pesquisa em Contabilidade, em maior ou menor grau dependendo da área (gerencial, financeira, tributária, pública ou finanças), tem se pautado na crença de que o mundo da realidade objetiva existe independentemente dos seres humanos, sendo sua natureza determinada cognoscível (Chua, 1986), entretanto, dada a impossibilidade de isolar o pesquisador da realidade pesquisada, não é possível capturar a realidade como de fato ela é, mas sim, como o pesquisador consegue vê-la, tendo em vista que a realidade é construída socialmente (Berger; Luckmann, 2004).

Marcondes (1997, p. 150) afirma que “a ciência moderna surge através da observação, a experimentação e a verificação de hipóteses”, sendo imprescindível “dividir cada uma das dificuldades em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias forem para melhor resolvê-las” (Descartes, 1979, p.37). Entretanto, como seguir a risca essas proposições se o objeto das Ciências Sociais, o ser humano, vive em um ambiente permeado pelo senso comum? Como isolar o senso comum colocando-o em um recipiente hermeticamente fechado (Matos, Machado, & Barbosa, 2013)?

Hopwood (1987), na Contabilidade Gerencial, e Hines (1988), na Contabilidade Financeira, argumentam que os pesquisadores contábeis ajudam a criar os “fatos” que supostamente estão relatando. Já Tinker e Niemark (1987) sugerem que a Contabilidade distorce a realidade (prática) de forma sistemática. Nesse aspecto, a realidade capturada, invariavelmente, não reflete necessariamente o fato objetivo preconizado pelo Positivismo. Em outras palavras, são notados indícios de que o fenômeno em estudo nem sempre tem sido observado de forma neutra e objetiva. Segundo Chua (1986, p.606):

Ontologicamente, a pesquisa contábil *mainstream* é dominada pela crença no realismo físico - a reivindicação de que há um mundo de realidade objetiva que existe independentemente dos seres humanos e que possui uma natureza determinada ou essência que é conhecida.

Nessa linha, é possível concluir que os pesquisadores positivistas partem do pressuposto de que a realidade possui uma estrutura concreta, onde a relação entre sujeito e objeto não apresenta potencial de alterar a percepção da realidade (Martins, 2012).

Entretanto, ao contrário do que acontece nas Ciências da Natureza, onde, por exemplo, as bactérias não simulam comportamento, mas, pelo contrário, apresentam conduta linear independentemente do fato de estarem ou não sendo observadas e estudadas, nas Ciências Sociais, e em especial na Contabilidade, a compreensão da

organização social com o foco na linguagem, significado e interpretação assume papel central.

A compreensão dos processos de conhecimento em Contabilidade, é exigida uma consideração da linguagem e os fatores culturais e sociais (Gaffikin, 2006). Nesse aspecto, a análise do discurso subliminar, daquilo que não é ou não pode ser dito ou mesmo demonstrado, apresenta extrema importância, logo, o senso crítico é essencial.

Em outras palavras, os tomadores de decisão não deveriam ser analisados como entidades que podem ser passivamente descritas de forma objetiva (Chua, 1989). A pesquisa, por exemplo, acerca da forma como as escolhas contábeis são efetuadas, da inerente subjetividade do processo decisório, do processamento cognitivo da informação contábil para tomada de decisão ou ainda acerca dos impactos de alguns artefatos contábeis (e.g., orçamentos, custeio alvo, entre outros) na conduta humana (motivação, liderança, entre outros), se conduzidos adotando uma abordagem Ideográfica (estudo Etnográfico, por exemplo), possibilitaria uma maior compreensão quando confrontado com uma abordagem Nomotética.

As singularidades interessam as Ciências Sociais e não necessariamente a generalidade das Ciências Naturais (Scocuglia, 2002). Em decorrência do conhecimento ser socialmente construído, normalmente não existe consenso entre os pesquisadores da área, o que não acarreta na perda do caráter científico, e nem tão pouco que seus métodos não devam ser empíricos ou que almeje ser “livre de valores” (Berger & Luckmann, 2004).

Portanto, uma ontologia socialmente constituída, em detrimento de uma ontologia realista, parece não ser necessariamente impensável, mas sim, mostra-se uma base mais adequada para a aplicação na pesquisa em Contabilidade. Por conseguinte, em vez de tentar recriar os métodos e, de forma atrelada, reivindicar um *status* intelectual semelhante ao das Ciências Naturais, é mais adequado que sejam desenvolvido/aprimorados os métodos que reconhecem a relevância dos aspectos humanos (Gaffikin, 2006).

Segundo Chua (1986), o conflito organizacional não é visto como reflexo de uma conflagração social mais profunda entre classes de pessoas com acesso desigual aos recursos sociais e econômicos. Constructos como dominação, exploração e contradições estruturais, por exemplo, não aparecem no *mainstream* da literatura contábil nacional, que, via de regra, não têm por propósito avaliar e possivelmente contribuir à alteração da estrutura institucional.

Independentemente das características (as sociedades podem ser capitalistas, socialistas ou mistas, os mercados podem ser monopolista ou oligopolista), o pesquisador contador apresenta uma posição neutra de valor por não avaliar esses estados finais, sendo sua tarefa simplesmente a prestação de informações financeiras relevantes (Chua, 1986).

Ora, a estrutura institucional não apresenta potencial de alterar a realidade capturada pelo pesquisador? Os interesses, a ideologia econômica e política dominante não deveriam ser consideradas como variáveis exógenas que influenciam fortemente os resultados empíricos? Pode-se perceber, nesse ponto, que a visão positivista em Contabilidade reflete, em grande parte o caráter ideológico, isto é, retratar/descrever o mundo como ele é em detrimento de se questionar por que o

mundo funciona assim. Ao retratar, o pesquisador não realiza juízo de valor e, dessa forma, abstêm-se de avaliar o quão adequado tem sido o comportamento.

Outro exemplo pode ser apresentado quando se analisa o tratamento dados aos *outliers* (observação que apresenta comportamento atípico, encontrando-se significativamente distante das demais observações). As observações que apresentam comportamento significativamente distinto dos demais casos - seja de outros indivíduos, equipes ou empresas, geralmente exercem influência desproporcional nas conclusões acerca das relações entre as variáveis (Aguinis, Gottfredson, & Joo, 2013). Apesar disso, os *pesquisadores positivistas não têm diretrizes claras sobre como lidar com eles corretamente, optando frequentemente por excluí-las, dado o desejo de corroborar as hipóteses nas quais o paper está suportado.*

Entretanto, excluir um *outlier*, visando aumentar as chances de encontrar o que o pesquisador deseja encontrar, é uma prática perigosa que em nada contribui para a otimização da teoria. Pelo fato de serem tão diferentes, o exame dos *outliers* pode render descobertas ricas, provocantes e interessantes, com relevante o potencial de ajudar a desenvolver uma nova teoria (Smith, 2003). Segundo Bollen e Jackman (1990), a forma como os pesquisadores lidam com os *outliers* pode levar a falsa aceitação ou a rejeição das hipóteses.

Dado que as organizações são feitas por pessoas que apresentam comportamento imprevisível em decorrência de uma série de fatores exógenos e endógenos como, por exemplo, personalidade, motivação, ou mesmo o conhecimento prévio de que está participando de determinada pesquisa, a busca do conhecimento particular de entes individuais demanda uma análise minuciosa dos *outliers* em detrimento da sua exclusão.

Os *outliers* permitem aos pesquisadores detectarem anomalias imprescindíveis à otimização da teoria ou mesmo para evidenciar a necessidade de suplantá-la (Kuhn, 2005). Segundo Smith (2003), a boa pesquisa gera a prova necessária para derrubar ou revisar as teorias existentes, dando origem a teorias revisadas com base na melhor evidência, de modo que a concorrência saudável entre ideias rivais levará a melhores explicações e previsões mais confiáveis. Nesse ponto, surge o seguinte questionamento: como garantir a melhor evidência se as conclusões, ao desconsiderarem os *outliers*, invariavelmente são míopes?

Behling (1980) levantou cinco objeções à utilização da abordagem Nomotética na pesquisa contábil, a saber:

1. Singularidade - Cada organização, grupo e pessoa diferem em algum grau dos demais. O desenvolvimento de leis gerais precisas em comportamento organizacional e teoria das organizações é, portanto, impossível.
2. Instabilidade - Os fenômenos de interesse dos pesquisadores em comportamento organizacional e teoria das organizações são transitórios. Não só os "fatos" da mudança social sofrem com o passar do tempo, como as "Leis" que as regem também mudam. A Pesquisa em Ciências Naturais é mal equipada para capturar os fenômenos fugazes.
3. Sensibilidade - Ao contrário compostos químicos e outros fenômenos de interesse dos pesquisadores da Ciência Natural, as pessoas que compõem as organizações, e as próprias organizações em si, podem se comportar de maneira diferente se tiverem o conhecimento de que estão sendo investigadas.

4. Falta de Realismo – Manipular e controlar as variáveis em pesquisa organizacional altera o fenômeno em estudo. Os pesquisadores, portanto, não podem generalizar os resultados a partir de seus estudos, dado que o fenômeno observado, inevitavelmente, difere do seu mundo real homólogo.

5. Diferenças epistemológicas - Embora a compreensão de causa e efeito seja uma forma adequada de “saber” acerca dos fenômenos físicos na Ciência Natural, um tipo diferente de “conhecimento” não alinhado a abordagem é mais importante no comportamento organizacional e teoria organizacional.

Das 5 objeções apresentadas, Behling (1980) destaca que a 3ª e 4ª objeções, em especial, permitem concluir que, ao efetuar o levantamento dos dados, invariavelmente, o pesquisador contamina-os, mascarando o fenômeno e, conseqüentemente, impossibilitando a compreensão plena do objeto de estudo.

Destarte, entende-se que a predominância da abordagem Nomotética frente à Ideográfica acarreta, sobretudo, na simplificação de uma realidade de extrema complexidade, no conseqüente empobrecimento da compreensão do objeto de estudo e, principalmente, na fragilização do poder explicativo no momento em que o desenvolvimento/aperfeiçoamento das Teorias é preterido pelo texto empírico de hipóteses.

Motivadores e reflexos da predominância da abordagem Nomotética frente à Ideográfica

Acerca dos fatores explicativos para a adoção da abordagem Nomotética na pesquisa em Contabilidade, pode-se destacar, inicialmente, o entendimento simplório de que a adoção dos métodos característicos das Ciências Naturais acarretaria, necessariamente, em maior precisão e rigor científico às pesquisas. Desde o advento dos estudos pioneiros da teoria positiva da Contabilidade em meados da década de 70, existe uma descrença por parte da academia em estudos fora dessa corrente principal.

No Brasil, por volta do final da década de noventa, iniciou-se um movimento que pregava que as pesquisas deveriam ser “preferencialmente” empíricas, com foco no estudo da realidade local, mesmo sob algumas críticas de que os estudos teóricos viriam ser meros “requeimamento” de teorias.

A partir daí os Programas de Pós Graduação em Contabilidade passaram a exigir pesquisas empíricas de seus alunos, que passaram a receber um treinamento rigoroso em métodos de pesquisa quantitativos, teoria econômica e financeira neoclássica e utilização de novas tecnologias de processamento de informação (especialmente o uso de computadores e pacotes estatístico-matemáticos).

Só para ter a dimensão que o fenômeno, atualmente, dos 21 programas de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Contabilidade no Brasil, em apenas 1 (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) é ofertada a disciplina relacionada à pesquisa qualitativa em Contabilidade.

A falta de treinamento por parte do pesquisador contábil em pesquisas fora do *mainstream* acarreta, invariavelmente, na não condução de estudos que demandem abordagens distintas. Essa característica da Pós Graduação influencia a formação dos estudantes e futuros professores e pesquisadores em Contabilidade forçando uma visão de mundo com foco exclusivo no objeto, com excessivo amor ao prático,

fomentando a percepção de que os problemas são passíveis de solução apenas e tão somente aplicando-se o olhar das *hard sciences*.

Nesse cenário, os trabalhos quantitativos se proliferam, a academia se acomoda (dado que é mais fácil de conversar, convencer e investir) na zona de conforto e não abre novas possibilidades. Pesquisas Idiográficas exigem uma maturidade e domínio do objeto de estudo por parte do pesquisador, além de serem mais profundos, abrangentes e ultrapassarem a linha do diagnóstico, dado que explicam e indicam, ao menos, as causas e consequências do fenômeno. Nesse ponto, pode-se notar que esse tipo de estudo não é tão simples quanto “rodar” um teste em um *software* e avaliar a refutação ou não das hipóteses por meio da análise da significância estatísticas.

Essa conjuntura gera um ciclo vicioso que se repete e acarreta em, quando é o caso, trabalhos qualitativos com pouca profundidade e/ou maturidade, tornando menos atrativas para publicações nos periódicos científicos nacionais.

Analisando o objetivo ou escopo dos periódicos nacionais Qualis A e B, é possível concluir pela fragilidade das linhas editoriais e pela quase inexistência de veículos que não tenham como foco a publicação de pesquisas do *mainstream*. Inexistem oportunidades explícitas à condução de pesquisas críticas e interpretativas, realidade esta distinta do contexto internacional onde as revistas focadas em abordagens alternativas como, por exemplo, *Critical Perspectives on Accounting*; *Abacus e Accounting, Organizations and Society*.

Essa característica dos periódicos nacionais pode refletir, em parte, a descrença na importância destes estudos por parte dos editores. Como, em sua grande maioria, os editores são provenientes dos Programas de Pós Graduação em Ciências Contábeis nacionais, dificilmente receberam algum tipo de treinamento, mesmo que embrionário, nesse tipo de abordagem de pesquisa. Outrossim, por esses mesmos motivos, pode-se ainda destacar a falta de preparo dos pareceristas, possivelmente desacostumados com a avaliação de discussões teóricas, em poder avaliar estudos desta natureza.

Com isso, os artigos com potencial de gerar novas teorias têm poucos incentivos para serem elaborados, reduzindo, assim, substancialmente a capacidade, por parte da academia, de conhecer em profundidade o fenômeno em análise. Esse cenário acarreta em um problema preocupante para qualquer ciência que é conseguir realizar previsões sem uma Teoria para explicá-las.

Bunge (2008, p. 42) afirma que a linguagem da matemática serve não apenas como um dispositivo para comprimir e agitar dados empíricos, mas principalmente, como ferramenta para a construção teórica, entretanto, esse cenário não é notado tão vigorosamente nas pesquisas nacionais.

Um exemplo emblemático ocorre com os modelos de previsão de falência. A academia contábil há um bom tempo conseguiu desenvolver modelagens capazes de ostentar considerável poder preditivo do fenômeno de falência, entretanto, até então, pouco foi capaz de desenvolver modelos teóricos sólidos para sua sustentação (Smith, 2003). Em outras palavras, a incipiência de estudos fora da corrente principal faz com que a pesquisa em Contabilidade obtenha significativo êxito na identificação/previsão, entretanto, com uma relevante fragilidade sobre as razões das variáveis que fomentam a ocorrência do fenômeno previsto (Altman, 1968; Taffler, 1983).

Como bem evidenciado por Smith (2003), essa realidade acarreta em relevantes limitações na pesquisa em Ciência Contábil, sobretudo, no tocante à dependência de

teorias, métodos e metodologias de áreas correlatas (na sua imensa maioria adaptações advindas das Ciências Naturais e, principalmente, das demais Ciências Sociais).

Nesse aspecto, pode-se utilizar a ideia de Teoria da Caixa Negra desenvolvida por Bunge (2008) para justificar esse baixo poder explicativo das Teorias da Contabilidade. Segundo o autor, a caixa preta seria uma tentativa de simplificação do fenômeno em estudo capaz de satisfazer temporariamente as necessidades (testes de hipóteses, por exemplo).

A caixa preta contempla entrada e saída, isto é, fornece apenas explicações superficiais, não postulando variáveis intervenientes e atendo-se mais com o comportamento global do que com a estrutura interna, logo, acarreta em baixo poder crítico. Ainda segundo Bunge (2008), as Teorias da Caixa Negra são incompletas, uma vez que deixam os conteúdos da caixa no escuro.

Apesar das Teorias da Caixa Negra proporcionarem uma explicação e uma previsão logicamente satisfatórias do fenômeno, no sentido de sua derivação da teoria e informação específica, estas deixarão de prover o que os pesquisadores denominam de interpretação do fenômeno estudado. Essa descrição da caixa negra parece se ajustar perfeitamente na atual conjuntura de pesquisa em Contabilidade em que consegue-se prever, entretanto, tem-se baixo poder explicativo.

Nesse ponto, pode-se notar que a academia em Contabilidade necessita do desenvolvimento de Teorias da Caixa Translúcida, que, na visão de Bunge (2008), contém mais constructos hipotéticos, isto é, variáveis que se referem a entidades não observadas, eventos e propriedades, e referências a processos internos descritos por meio de variáveis indiretamente controláveis, como por exemplo, a utilidade subjetiva.

As Teorias da Caixa Translúcida, apesar de não considerarem o comportamento como fim último, buscam explicá-lo em termos da constituição e estrutura dos sistemas concretos envolvidos, introduzindo constructos hipotéticos que estabelecem nexos causais detalhados entre as entradas e saídas observáveis. As Teorias da Caixa Negra surgem, em geral, nos primeiros passos na construção da teoria e, epistemologicamente, são menos completas do que as correspondentes Teorias da Caixa Translúcida, se não por outro motivo, pelo menos por enfatizar o comportamento à custa da estrutura (Bunge, 2008).

Considerando que o objetivo a longo prazo das teorias científicas não se restringe à sumarização da experiência, mas, à interpretação da realidade e, em especial, a sua explicação (Bunge, 2008), pode-se concluir, *a fortiori*, que a Teoria em Contabilidade carece de uma evolução necessária e urgente de Teorias da Caixa Negra para Teorias da Caixa Translúcida.

Essa mudança pode ser fomentada através da condução de estudos em profundidade, isto é, pela introdução de formas mais heterogêneas, com viés mais crítico, interpretativo e radical, em detrimento dessa tendência estagnante e, quase sempre, de superfície, que proliferam-se pela acumulação, generalização e sistematização da informação à custa da teorização aprofundada (Bunge, 2008).

A construção de Teorias de Caixas Negras prossegue enquanto teorias gerais e globais não forem apreciadas e enquanto as Teorias Representacionais disponíveis forem reconhecidas foram inadequadas. Assim, pode-se questionar por quanto

tempo mais a academia contábil brasileira se contentará com a utilização de Teorias de Caixas Negras?

Ainda segundo Bunge (2008, p. 88), “banir as caixas translúcidas como exigia o positivismo tradicional é encarar o comportamento como limite inexplicável, renunciar a sua explanação em termos de constituição e estrutura”, logo, mesmo que o *mainstream* da pesquisa apresente uma abordagem positivista, torna-se imprescindível o desenvolvimento de Teorias da Caixa Translúcida.

O desafio associado à condução de estudos teóricos é evidentemente maior, o que seria atribuição de pesquisadores com mais anos de experiência, entretanto, mesmo em meio a esse grupo de pesquisadores, predominam a existência de estudos com abordagens Monotéticas. No curto prazo, a solução para esse dilema passa, em grande parte, pela constituição de incentivos para que esse grupo de pesquisadores experientes direcione parte de seus esforços de pesquisas para o desenvolvimento das teorias, produto da ciência que procuram explicar e predizer o objeto de estudo (Boal *et al.* 2003).

O advento dos novos critérios de avaliação da produção dos pesquisadores por parte da Capes - indicação dos 3 artigos mais importantes na avaliação do próprio pesquisador - surge como o pontapé inicial para o estabelecimento de uma série de mecanismos que têm potencial de alterar significativamente os rumos da pesquisa contábil no Brasil, entretanto, mais ações tornam-se necessárias.

Por fim, ressalta-se que a construção de uma pesquisa com abordagem Idiográfica exige muito do pesquisador. A verdade é que, para se incluir estudos teóricos nos periódicos de ponta, os *papers* devem ser escritos com alto padrão de qualidade, ou seja, que apresentem potencial de criar uma nova forma de se perceber determinada teoria ou mesmo criar novos corpos teóricos.

Evidentemente, essa tarefa não é nem de longe trivial. Pelo contrário, torna-se imprescindível a detenção de grande conhecimento por parte do pesquisador e de muitos estudos da literatura existente para que se consiga ter um novo olhar sobre o fenômeno. Neste sentido, acaba sendo mais fácil manter a “produtividade” a partir da adoção de abordagens Nomotéticas, isto é, escrevendo dentro do *mainstream*.

Considerações Finais

O desenvolvimento pleno e sustentável de uma nação moderna passa, em grande parte, pela capacidade de desenvolver sua capacidade de fazer ciência. Uma economia sem base tecnológica e científica própria é rotineira e dependente dos demais mercados (Bunge, 2008), logo, torna-se imprescindível à busca paulatina de mecanismo de fomento para a otimização das pesquisas brasileiras.

Nesse ponto, o presente ensaio buscou contribuir à reflexão acerca da forma como vem sendo conduzidas as pesquisas em Contabilidade no país, destacando as motivações e, sobretudo, as implicações da predominância das abordagens Nomotéticas frente às Ideográficas.

Notou-se que a predominância da abordagem Nomotética e, conseqüentemente, do positivismo, ao promover a exatidão na análise dos dados, exerceu papel de hercúlea importância à promoção do *status* das Ciências Sociais enquanto ciência. Entretanto, dado que o empirismo desconfia da teoria, empobrece o desenvolvimento teórico e, a longo prazo, obstrui o desenvolvimento científico em profundidade, notou-se a necessidade da academia contábil introduzir formas mais críticas, interpretativas e radicais que reinterpretem a informação disponível em detrimento dessa tendência

estagnante e, quase sempre, de superfície que proliferam-se pela acumulação, generalização e sistematização da informação à custa da teorização aprofundada (Bunge, 2008).

A despeito disso, a pesquisa em Contabilidade, especialmente no Brasil, tem apresentado excessiva ênfase nos métodos quantitativos, a proliferação de replicações com comedidas distinções no setor, período ou contexto analisado (mais do mesmo) e, principalmente, um relevante distanciamento da academia com a prática profissional. Essa realidade é corroborada por Martins (2012, p. 23-24) ao afirmar que:

Não há uma reocupação generalizada entre os pesquisadores de gerar pesquisas que realmente sejam úteis para a prática contábil, que informem e auxiliem aqueles que trabalham com a Contabilidade [...]. O “hermafroditismo contábil” está gerando conhecimento para que os próprios pesquisadores se refestelem, sem que haja grandes, ou até mesmo algum impacto sequer na vida social fora desse círculo.

Evidentemente, não se pode negar a importância da abordagem Nomotética, dado que parte relevante do desenvolvimento das Ciências Sociais se deu fortemente baseado nos métodos e soluções análogas às utilizadas pelas Ciências Naturais, como bem destacou Sá (2009). Entretanto, dada à complexidade do homem e, conseqüentemente, do processo de tomada de decisão humana, tona-se impositivo a implantação de uma visão complementar advinda da abordagem Ideográfica, tendo em vista a necessidade de se conhecer em profundidade o fenômeno em análise e, sobretudo, fomentar o desenvolvimento de teorias.

A necessidade de compreensão da linguagem e dos fatores culturais e sociais, do discurso subliminar, daquilo que “não é” ou “não pode” ser dito ou mesmo demonstrado, apresenta extrema importância, logo, tentar prever o comportamento futuro baseados em evidências passadas é uma tarefa pouco efetiva quando o objeto de estudo é tão volátil e imprevisível.

Nesse aspecto, pode-se concluir pela a imprescindibilidade do pesquisador conduzir paulatinas avaliações e reflexões criteriosas acerca da aderência da abordagem que está sendo trabalhada frente ao problema investigado. Em outras palavras, o problema de pesquisa deve sempre determinar a abordagem a ser empregada à sua solução, independentemente do *mainstream* da pesquisa vigente.

Assim, torna-se imprescindível a reflexão criteriosa, por parte do pesquisador contábil, acerca da aderência da abordagem que está sendo trabalhada frente ao problema investigado. Um pouco mais de abordagens alternativas/“negativas” potencialmente contribuiria fortemente para o fomento de maior capacidade de teorização promovendo assim, maior poder preditivo e explicativo (Christenson, 1983).

É certo que inexistente um método único, soberano, apto a resolver todo e qualquer tipo de problema. A mescla de ambas as abordagens enriqueceria demasiadamente a pesquisa em Contabilidade, logo, ressalta-se que, de maneira alguma, buscou-se defender a extinção das pesquisas com abordagens Nomotética; fomentar a utilização única de pesquisas Ideográficas; nem tampouco apresenta a pretensão de convencer o nobre leitor acerca das qualidades da abordagem Ideográfica à condução de pesquisas nas Ciências Contábeis.

O presente ensaio apresentou como limitação o fato de não ter exaurido todos os potenciais fatores motivadores e, sobretudo, os reflexos da predominância da abordagem Nomotética frente à Idiográfica no *mainstream* da pesquisa em Contabilidade.

A título de oportunidades para o desenvolvimento de futuras pesquisas, sugere-se que sejam direcionados esforços buscando avaliar a aderência dos problemas de pesquisas frente às abordagens utilizadas à suas respectivas resoluções. Partindo do *insight* de Brownell (1995) de que os pesquisadores contábeis são verdadeiros “parasitas” que se aproveitam do trabalho dos outros para gerar seus resultados, é notada ainda uma oportunidade na investigação se esse cenário, de fato, também é práxis recorrente da academia brasileira.

Referências

- Abbagnano, Nicola (2007). *Dicionário de filosofia*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Aguinis, H.; Gottfredson, R. K.; & Joo, H. (2013). Best-Practice Recommendations for Defining, Identifying, and Handling Outliers. *Organizational Research Methods*, 16(2), p. 270–301. DOI: <https://doi.org/10.1177/1094428112470848>
- Altman, E.I. (1968). Financial Ratios, Discriminant Analysis and the Prediction of Corporate Bankruptcy. *Journal of Finance*, 23(4), p. 580–609. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6261.1968.tb00843.x>
- Behling, Orlando (1980). The Case for the Natural Science Model for Research in Organizational Behavior and Organization Theory. *The Academy of Management Review*, 5(4), p. 483-490. DOI: <https://doi.org/10.2307/257452>
- Bennett, R. (1991). ‘How is Management Research Carried Out?’, In: Smith, N.C. & Dainty, P. (Eds). *The Management Research Handbook*, Routledge, London.
- Berger, P.; & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. 24 ed. Petrópolis: Vozes.
- Boal, K.; Hunt, J.; & Jaros, S. (2003). Order is free: on the ontological status of organizations. In: Westwood, R.; & Clegg, S. *Debating organization, point-counterpoint in organizations studies*. London: Blackweel Publishing.
- Bollen, K. A.; & Jackman, R.W. (1990). Regression diagnostics: An expository treatment of outliers and influential cases. In: Fox, J. & Long, J. S. (Eds.). *Modern methods of data analysis*, p. 257-291. Newbury Park, CA: Sage.
- Bruyne, P.; Herman, J.; & Schoutheete, M. (1977). *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bunge, M. (2008). *Teoria e Realidade*. Tradução Gita K. Guinsburg. 1ª. Ed. São Paulo. Editora Perspectiva (Coleção Debates).
- Burrell; G.; & Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organisational Analysis: Elements of the Sociology of Corporate Life*. London: Heinemann.
- Christenson, C. (1983). The methodology of positive accounting. *Accounting Review*, v. LVIII, n.1, p. 1–22.

Denzin, N. K.; & Lincoln, Y. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa – Teorias e abordagens*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed,.

Descartes, R. (1979). *Discurso do Método*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

Dilthey, W. (1989). *Introduction to the Human Sciences*. Edited by R. A. Makkreel & F. Rodi; trad. Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press, (Selected Works, v. I).

Ferrari, A. T. (1974). *Metodologia da Ciência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Kenedy.

Foucault, M. (1969). *Les mots et les choses. Une archeology des sciences humaines*. Paris: Galimard.

Friedman, M. (1953). *The Methodology of Positive Economics*. In: *Essays in Positive Economics*, University of Chicago Press, Chicago.

Gaffikin, M. (2006). *The Critique of Accounting Theory*. *Accounting & Finance Working Paper 06/25*, School of Accounting & Finance, University of Wollongong.

Gill, J.; & Johnson, P. (2002). *Research Methods for Managers*. 2ª Ed, Sage Publications: London.

Hines, R. (1988) *Financial Accounting: In Communicating Reality We Construct Reality*. *Accounting Organizations and Society*, 13(3), p. 251–61. DOI: [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(88\)90003-7](https://doi.org/10.1016/0361-3682(88)90003-7)

Hopwood, A. G. (1987). *The Archaeology of Accounting Systems*. *Accounting Organizations and Society*, 12(3), p. 207–34. DOI: [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90038-9](https://doi.org/10.1016/0361-3682(87)90038-9)

Jensen, M. C. (1976). *Reflections on the state of accounting research and the regulation of accounting*. In *Stanford lectures in accounting*. Stanford, CA: Stanford University.

Kuhn, T. S. (2005). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 9ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

MARTINS, E. (2005). *Editorial: normativismo e/ou positivismo em Contabilidade: qual o futuro?* *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(39), Sept./Dec., 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000300001>

MARTINS, E. A. (2012). *Pesquisa Contábil Brasileira: Uma Análise Filosófica*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, G. A. (2014). *Metodologia de Pesquisa*. Disponível em: <http://www.eac.fea.usp.br/eac/observatorio/metodologia-para-reflexao.asp>>. Acesso em 02 Out. 2014.

Matos; F. R. N.; Machado, D. Q.; & Barbosa, M. A. C. (2013). *Breve Ensaio Sobre Teorias Positivas e Normativas na Ciência da Administração sob à Luz da Abordagem Qualitativa*. III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. *Anais...* Florianópolis-SC, Março.

Nagel, E. (1976). *Ciências nomotéticas e ciências idiográficas*. In: SILVA, M. B. N. (Org.). *Teoria da história*. São Paulo: Cultrix.

Perspectivas da pesquisa em contabilidade no Brasil: um ensaio teórico sobre as abordagens ideográficas e nomotéticas

Riahi-Belkaoui, A. (1996). *Accounting, a multiparadigmatic science*. Westport, Connecticut: Quorum Books.

Riahi-Belkaoui, A.; & Jones, S. N. (2002). *Accounting theory*. Thomson Learning South: Melbourne.

Sá, R. N. (2009). *As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas*. Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ, 2, p. 38-43.

Santos, B. S. (1988). *Um Discurso sobre as Ciências*. Edições Afrontamento; Porto.

Schmidt, P. (1998). A classificação da Contabilidade dentre os ramos do conhecimento humano. Caderno de Estudos, São Paulo, FIEPECAFI, 10(17), p.9-22, janeiro/abril.

Scocuglia, J. B. C. (2002). A Hermenêutica de Wilhelm Dilthey e a Reflexão Epistemológica nas Ciências Humanas Contemporâneas. Sociedade e Estado, Brasília, 17(2), p. 249-281, Jul./Dez. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922002000200003>

Silva, R. S. (2013). O círculo hermenêutico e a distinção entre ciências humanas e Ciências Naturais. Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica, 1(2).

Smith, M. (2003). *Research Methods in Accounting*. SAGE Publications. London.

Taffler, R. J. (1983). The Assessment of Company Solvency and Performance Using a Statistical Model: A Comparative UK-based Study. *Accounting and Business Research*, 15(52), p. 295-308. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00014788.1983.9729767>

Tinker, A. M.; & Niemark, M. K. (1987). The Role of Annual Reports in Gender and Class Contradictions at General Motors: 1917-1976. *Accounting Organizations and Society*, 12(1), p. 71-88. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90017-1](http://dx.doi.org/10.1016/0361-3682(87)90017-1)

Watts, R. L.; & Zimmerman, J. L. (1986). *Positive Accounting Theory*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ.

Wu, R. (2010). Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. *Revista Estudos Filosóficos*, 5, p. 174 - 186.

Direitos de cópia - creative commons.	
Recebido em:	31-10-17
Aprovado em:	26-02-18
ID do artigo	2267
Editor Científico: Prof. Dr. Osni Hoss, Ph.D.	